

## **Seguindo o curso do São Francisco: perspectivas barranqueiras sobre as águas do rio e seus movimentos<sup>1</sup>**

Luiz Felipe Rocha Benites (UFRRJ)

Palavras-chave: Barranqueiros; Águas; Movimento

“Perto de muita água, tudo é feliz”.

(Guimarães Rosa, 1986:21)

### **Introdução**

A presente comunicação é produto de uma reflexão preliminar a partir de uma pesquisa que se encontra em andamento<sup>2</sup>. Desde o meu doutorado venho devotando esforços etnográficos à compreensão da socialidade barranqueira. Inicialmente minha pesquisa se situava no campo da antropologia da política e meu interesse girava em torno da forma como os habitantes da comunidade de Ribanceira, localizada no município de São Romão, no Vale do Alto Médio São Francisco, região norte de Minas Gerais, pensavam e experimentavam as disputas eleitorais a partir da sua relação com os políticos locais. Hoje meu interesse recai sobre o trabalho e a relação com meio ambiente do qual meus interlocutores também são agentes ativos de produção. Neste paper, busco apresentar algumas formas pelas quais as itinerâncias e deslocamentos constituem a experiência dos barranqueiros (moradores das áreas às margens do São Francisco), bem como expor as ideias nativas de movimento do e no rio, tais como “encher”, “vazar”, “ter corrida” ou “correnteza”, estar “parado”. Em seguida, tento esboçar algumas conexões de sentido entre estes dois domínios da experiência dos meus interlocutores.

Os barranqueiros da Ribanceira residem em um povoado de uma área rural às margens do rio São Francisco, aproximadamente 15 km ao sul da sede do município de São Romão. O surgimento do povoado data de 1979 quando uma grande enchente desabrigou todos os moradores da Ilha da Martinha e de áreas marginais do rio

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Agradeço o trabalho de apoio de Vítor Luiz do Prado, bolsista IC/FAPERJ.

Francisco, próximas ao seu entorno. Nesta ocasião, o então prefeito de São Romão comprou de um fazendeiro uma área próxima à ilha no alto de um grande barranco, daí o nome Ribanceira, para alojar os desabrigados. A população, em torno de 88 famílias, reside em uma vila que possui uma área aproximada de 32 hectares e está dividida em 105 lotes, distribuídos em oito ruas. Hoje em dia, mesmo que as gerações mais novas quase não se envolvam, uma parcela significativa da população da Ribanceira ainda “mexe com roça e pesca”, sobretudo os mais velhos. Tal expressão designa a dimensão do trabalho presente no cotidiano destes interlocutores. A categoria “mexer” funciona como um equivalente do verbo trabalhar, mas não raro o extrapola para assumir a ideia mais ampla de lidar com algo. A atividade agropecuária é exercida na Ilha da Martinha, que possui uma área de aproximadamente 240 hectares. Além das atividades agrícolas, que incluem o cultivo de milho, feijão, quiabo e, principalmente, mandioca, a pesca constitui-se em importante atividade da comunidade.

As águas são um componente crucial da vida social dos habitantes da Ribanceira. As atividades dos barranqueiros estão intrinsecamente ligadas aos dois ciclos da natureza no norte mineiro: o “tempo das águas” e o “tempo da seca”, ou simplesmente, “as águas” e “a seca”. Nas partes ribeirinhas de São Romão, área em que se localiza a Ribanceira, este ciclo orienta as atividades de pesca, que se alternam às atividades da “roça”. O “tempo das águas” oscila mais ou menos entre outubro e março, correspondendo ao período em que as chuvas são mais frequentes e intensas. Nesta época, sobe o nível das águas do São Francisco e de seus afluentes. Com a cheia dos rios, a água transborda e forma lagoas que se transformam em criatórios naturais de peixes. As áreas alagadiças que se localizam nas margens de rios, córregos, veredas ou de qualquer curso d’água, se constituem em terrenos férteis para a agricultura de “vazante” praticada no período “da seca”, de abril a setembro.

A pesca praticada nas águas do rio não é uma prática restrita aos ribeirinhos. O “Velho Chico” também é frequentado por pescadores amadores vindos de outras localidades de Minas Gerais e do interior de São Paulo. Tais pescadores alugam ranchos na localidade, sendo que alguns se localizam nas imediações da Ribanceira, como a Pousada Batatais, de propriedade de um paulista, mas gerenciada por um habitante local. Tais pescadores demandam alguns serviços dos habitantes da Ribanceira. Os homens trabalham como “pirangueiros”, isto é, como ajudantes que conduzem os barcos, preparam iscas e indicam os melhores lugares para a pesca. As mulheres, por

sua vez, são contratadas para cozinhar e limpar os ranchos. Entretanto, tais atividades são esporádicas e intermitentes, bem como restrita a poucos moradores.

### **Itinerâncias da vida barranqueira**

A vida social na Ribanceira se caracteriza por uma intensa itinerância na comunidade e em deslocamentos com distintas durações para fora dela. Na Ribanceira, as idas e vindas da casa para as áreas de cultivo e criação ou de pesca, a orquestração das atividades laborais, suas paradas para “prosa”, visita aos parentes, amigos e compadres, bem como para a degustação da “pinga”, tramam o enredo das relações sociais e o próprio sentido da vida na “roça” e nas águas do rio São Francisco. A trajetória pessoal de muitos dos seus habitantes, especialmente os mais velhos, é marcada pela mobilidade de uma fazenda à outra, trabalhando como “agregados” e “caçando” uma vida melhor. Os deslocamentos sazonais para trabalhar nas colheitas de café, na região do Triângulo Mineiro, ou em carvoeiras da região também se constituem em experiências de mobilidade constante, sobretudo dos homens mais jovens.

Há ainda um tipo de evento também praticado em itinerância que permeia a vida dessas comunidades em ciclos periódicos: as festas. Estas costumam estar vinculadas a um calendário religioso católico (Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus, Santos Reis) mobilizando: escolhas de “reis e rainhas” responsáveis por rituais de comensalidade, em que comida e bebida são oferecidas aos membros da comunidade; cortejos de “congado” e “caboclos” em procissões que conduzem pelo povoado os “festeiros”; performances a cavalo, denominadas “cavalhadas”, em torno de igrejas; “giros” de grupos de folias homenageando Santos Reis ou Bom Jesus, personificados em bandeiras que circulam por residências. Neste contexto, eu gostaria de chamar a atenção para outra noção de movimento que emerge das comunidades rurais a partir deste tipo de evento e que costuma suspender o trabalho da “roça” para instaurar as festas na “roça”: o “barulhar”. As festas, com motivação religiosa ou não, se constituem em momentos de encontro das pessoas para conversar, tocar e ouvir música, dançar, enfim, se divertir, ou melhor, “barulhar”. Gente “barulhando”, isto é, movendo seus corpos e vozes, aquém e além das itinerâncias rituais dos cortejos das festas e dos giros de folia, trazem

nossa atenção para uma ideia de movimento que não implica necessariamente deslocamento físico e geográfico, mas antes um sentido “intensivo” da noção de movimento, conforme notaram Carneiro e Dainese (2015: 148). Assim, o “barulhar” dos barranqueiros guarda semelhanças com a ideia de movimento enquanto agitação e a animação, tal como exposto nas etnografias de Dainese (2011) e Guedes (2013).

Voltando às mobilidades, os pequenos e grandes deslocamentos fazem parte não só do cotidiano que pude registrar no trabalho de campo como também da história pessoal dos habitantes da Ribanceira. Vejamos a trajetória de Seu Sabino até se estabelecer na Ribanceira. Pescador por muitos anos e também comerciante local, Sabino nasceu na localidade de Jataí, no município vizinho de São Romão, à margem direita do Rio São Francisco. Agregados de fazenda, seus pais mudaram para Coroa Branca, na boca do Rio Paracatu, que atualmente pertence ao município de Santa Fé de Minas. Sabino foi criado na Barra do Rio, onde conheceu Dona Mercês, sua esposa, ainda quando esta era adolescente. Sabino mudou-se para Buritizinho, localidade vizinha à Ribanceira, já em São Romão, enquanto Mercês mudou-se para a Ilha da Martinha. Casaram-se na sede do município de São Romão em 1969 e foram morar na Ilha da Martinha. Dois anos após, mudaram-se para Buritizinho, para oito meses depois retornarem à Ilha da Martinha. Após a enchente de 1979, transferiram-se para a Fazenda Bonfim, ao lado da Ribanceira. Em 1980 retornaram para a Ilha da Martinha, mas houve nova enchente e então se fixaram na Ribanceira. Na Ribanceira criou seus filhos que hoje se espalharam por Belo Horizonte, Brasília e Goiânia, seguindo um destino que foi se distanciando da roça e da pesca. Apenas Geovani, filho mais velho, retornou após mais de 15 anos para a Ribanceira, recomeçando a plantar a sua própria roça.

Um mundo que oscila, por vezes de forma tensa, entre polos de fixação e mobilidade, de estabilidade e instabilidade, se desenha nas trajetórias de vida estudadas. O deslocamento temporário ou definitivo para trabalhar em outras localidades é um fenômeno presente na comunidade. Em busca de melhores remunerações e de trabalho regular, muitos trabalhadores, sobretudo jovens, são agenciados por intermediários com contatos na cidade para trabalhar em colheitas diversas em outras regiões de Minas Gerais e de São Paulo. Outros se deslocam para grandes centros urbanos, especialmente São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Neste caso, os homens costumam ser alocados no setor da construção civil e as mulheres em empregos domésticos. A maioria mantém parentes na Ribanceira, para os quais enviam ajuda financeira, especialmente para

esposas e filhos, quando não integram parentes e amigos nas redes de alocação de trabalho nas quais estão inseridos. Tal como seus avós e pais, estes barranqueiros rodando o mundo, estão “caçando uma vida melhor” para si e para os seus familiares.

### **O rio e seus movimentos**

Tal como exposto anteriormente, da perspectiva barranqueira, a água é pensada por categorias temporais, o tempo ou época das águas e da seca (os dois ciclos climáticos marcados pela intensidade ou pela ausência de chuvas), e por meio da agência das águas do rio e das águas da chuva.

Nas palavras dos meus interlocutores barranqueiros, o rio enche e vaza. O movimento de encher está intrinsecamente ligado às chuvas, cujo maior fluxo se dá no tempo das águas, ainda que hoje haja uma percepção bastante difundida de que estas ficaram menos frequentes e intensas no referido período. Embora as grandes enchentes sejam eventos que ficaram apenas na memória, as cheias do rio provocadas pela chuva no tempo das águas continuam sendo importantes para assegurar a força das águas do rio. As chuvas fazem o rio correr, “ter corrida” ou “correnteza”. A corrida do rio é algo que se avalia não apenas no tempo das águas, mas durante o ano todo, em especial quando se encerra o período de chuvas. A correnteza carrega a areia, terra, as “ripas” e “paus”, isto é, pedaços de galhos e troncos de árvores que caem no rio. Por isso, na época das chuvas, as águas do rio ficam “sujas”, isto é, com cor mais escura, em tons turvos e marrons. Rio com corrida é rio com força!

As chuvas que fazem o rio “ter corrida”, criam condições extremamente favoráveis para a atividade de pesca. Vejamos esta conversa que tive com Sabino, antigo pescador da Ribanceira, quando ele defendia a suspensão da pesca no São Francisco por um longo período, com uma contraprestação paga aos pescadores pelo governo:

[...] Quando chove, quando chove que o rio, enche muda muito, melhora a pesca, a pesca melhora, o movimento do peixe é outro, o peixe com as água, o peixe tem mais possibilidade de se render.

*Se render? É.*

*Como assim render? Produzir.*

*Ah, de se reproduzir mais.*

Mais peixe, né? Igual tá aqui, por exemplo, aqui tem o que: uns quase dez ano, uns dez ano parece que não tem enchente grande, quer dizer, aí vai só diminuindo. Vai diminuindo as água e vai diminuindo os peixe, né?

[...] Sem ninguém pescar nada, então vou botar os guarda pra vigiar o rio mesmo, pra ninguém pescar nada, e Deus ajuda que tem bastante chuva, bastante chuva, aí as água vai render e o peixe desde cinco ano, por exemplo: daqui cinco ano, se parar pra pescar, Felipe, e tiver bastante chuva pra água render, se você vir aqui com cinco ano, você estranha de peixe, porque o peixe rende rápido, o peixe rende rápido. Mas só que o peixe rende rápido, mas depende da água, porque o peixe, por exemplo: o peixe não produz no rio, o peixe da lagoa não produz na lagoa, o peixe do rio ele... por exemplo: o peixe da lagoa vem pro rio, produz no rio, da lagoa; e o do rio vai pra lagoa, produz na lagoa, quando vem a enchente aí traz, fica naquela vai e vem, né? Porque se não tiver enchente, o peixe não produz. Você vai na lagoa este ano, pega uma curimba ela tá ovada.

Há algo na fala de Sabino que é importante salientar: a drástica redução das chuvas na última década. O volume e a intensidade das chuvas são indicativos do atributo de “força” das chuvas que não só faz o rio “ter corrida”, mas torna fértil a terra na qual os barranqueiros produzem, seja nas áreas altas ou nas de vazante. As narrativas de lembrança de enchentes antigas, em especial a de 1979, marco do surgimento do povoado de Ribanceira, indicam as perdas, mas também os ganhos após as águas do rio “vazarem”, isto é, fazerem o movimento de retorno das áreas alagadas para o leito do rio, após o cessar do período de chuvas. Nas palavras de Pedro, cuja roça é na Ilha da Martinha, o ano de 1979 foi simultaneamente bom e ruim:

Perdeu, perdeu muita coisa, muita coisa! Tinha mandioca, tinha milho, feijão plantado, na época o prejuízo foi meio grande. Só que em compensação foi um ano de muita perca né? Perdeu muito, mas foi... Quando passou a enchente foi um ano de muita fartura também, porque tudo o que ocê plantou depois que passou a enchente, cê colheu. Foi muito bom [...].

O significado ambivalente das grandes enchentes não oblitera o seu caráter desejável pelos barranqueiros. Enchente é produto de duradouras e intensas chuvas, cuja força “leva tudo por diante” e põe em movimento o rio, fazendo-o “ter corrida”, transbordar, alagar áreas que se transformam em lagoas e, portanto, criatórios para os peixes, bem como fertilizam a terra, tornando-a própria para a agricultura, quando as águas “vazam”.

As mudanças climáticas, sentidas por meio da redução das chuvas e do consequente aumento dos períodos de estiagem, têm como um dos efeitos mais relatados pelos meus interlocutores, o movimento de avanço da terra sobre o rio. Desde a minha primeira passagem pelo campo, eu me impressionava com as descrições de um dos meus interlocutores, Seu Vital, sobre a formação das ilhas no São Francisco. Há mais de 10 anos atrás, enquanto navegávamos pelo Rio, Vital chamava a minha atenção para alguns galhos rodeados de um pouco de terra, em meio ao rio. “Fica os paus na enchente e vai juntando terra em volta. As águas trazem os paus. Aí as ilhas vão formando, vão juntando”, dizia ele, me alertando para os singelos movimentos que produziam mudanças infinitesimais, mas significativas no relevo do rio com os distintos ciclos climáticos.

Conforme vai se estendendo e se intensificando o tempo da seca, após o cessar do tempo das águas, o rio vai sendo descrito como “parado”. Embora a condição de “parado” seja aceitável, sobretudo no auge das secas, o rio tem padecido desta situação por muito tempo, segundo meus interlocutores. Ano após ano, o rio tem se mantido preocupantemente “parado”, “sem corrida”, logo, raso e enfraquecido. À redução do volume de chuvas anuais acrescenta-se o acúmulo de areia e “paus” que fazem o rio ficar progressivamente “sem corrida” ou “parado”, aumentando as áreas das ilhas e criando outras novas. Neste contexto, os peixes procuram áreas de águas mais profundas onde se escondem nas “lócas”, esconderijos formados por paus e pedras no fundo dos rios, dificultando a sua pesca. Assim, como mingam as áreas passíveis de se praticar a agricultura de vazante. Embora meus interlocutores incluam os desígnios de Deus nas suas explicações acerca das transformações do mundo em que vivem, certamente os barranqueiros não ignoram o papel da agência humana neste cenário, tal como pode se depreender deste longo diálogo que tive com Seu Vital e Seu Pedro:

*E o que o senhor acha que está acontecendo para chover menos?*

- (Seu Pedro) Moço, é o seguinte, eu mesmo eu não sei nem o que é disso, mas eu tenho ouvido mais, essa parte, é da boca do povo. Uns fala que é os desmato, outros fala que é a época, né?

*A época?*

- (SP) É, assim, os tempo vai chegando né.

*Os tempos? Como assim?*

- (SP) Os tempo assim, porque diz que quando chegasse no final dos tempo, né, das era, tudo ia mudar, né? E então hoje eu tô meio grilado nisso, que eu tô achando que tá mudando mesmo, não sei se tá chegando o fim, não sei, né? Mas que tem mudança tem. O que aconteceu ó, de dois mil pra cá aqui mudou muito, de dois mil pra cá aqui mudou muito, o peixe acabou, tá acabando, as água tá secando né? O povo, uns fala que é falta de... que é os desmato, outros fala que é as queimada, eu também não duvido de nada também não, porque isso aí tudo pode ajudar mesmo né? Porque antigamente, no tempo dos pai da gente, dos avós, plantava uma roça aí, queimava aquilo tudo, nos primeiro ano a roça dava muito boa que tava aquela terra, mas no segundo ano daí a terra morria né? Cê põe um fogo numa coivara aí, que ela queima que dá brasa, aquilo fica o resto da vida lá, queimado lá, nunca que aquela terra volta ao normal mais. A não ser que venha uma enxurrada e carregue aquilo lá e venha outra e remonte.

[...] não, acho que não, que o rio vai correr mais, vai ficar mais fundo. Mas cê vê hoje, o rio estreitou e o peixe cabou né? E a corrida do rio cabou, né? [...] essa Ilha aqui, como nós conheceu ela. Como nós conheceu ela, aí é o seguinte, essa Ilha aqui ela cresceu, tem lugar aqui que ela cresceu quase metade de largura.

*Ela aumentou?*

- (SP) Aumentou. Aí Felipe, a Ilha ali se ocê for lá e te mostrar lá aonde que era a ponta da Ilha, aonde que terminava a Ilha, aonde é que era rio hoje, é pouca gente que acredita não é cumpadi? É pouca gente que acredita.

- (Seu Vital) Quem que vai falar hoje que ali entre as duas ilha era o rio? [...] No meio das duas ilha, passava um rio, nessa época ainda tava correndo. [...] Esse outro rio que passava lá dentro da Ilha lá, uma época dessa eu cansei de passar rede lá pescando.

- (SP) Tinha água mais do que essa aqui ó, na época da seca agora, e tinha mais água do que esse aqui, o rio secou, emendou as ilha.

- (SV) Quem que vai acreditar que uma época dessa tava pegando peixe lá na Barra da Gameleira?.

- (SP) Na Barra da Gameleira, né?

- (SV) Mês de junho nós saía de lá, eu mais ele, nós saía de lá do Bonfim, nós era vizinho. [...] mês de junho, nós saía de lá pra ir pra Barra da Gameleira pescar, pescava era muito peixe.

- (SP) E hoje cadê? Né? Nem... a Barra acabou.

- (SV) O rio enche, o rio vaza e tá lá, não pega um peixe mais, quer dizer assim, vindo das lagoa. Porque o fazendeiro hoje faz aterro, pra fechar aquela água lá.

*Ah, eles aterram também?*

- (SP) Aterra a boca do, do... Aqui nós se trata de sangrador, entrada de sangrador. [...] Ele vem do rio, faz aquele córrego e joga nas lagoa, naquelas praia né, fora.

*E os fazendeiros estão aterrando?*

- (SP) Aqui acolá eles aterra. [...] Aqui também, essa lagoa aqui do Bonfim, eles aterraram lá.

*Mas por que fizeram isso? O que eles diziam?*

- (SP) Uai, ruindade do homem rapaz. [...]

- (SV) Secava pra sair o pasto né?

*Ah, por causa do pasto pro gado...*

- (SP) Porque a beira da lagoa é sempre, é bom pra pasto né? E secando, aumenta mais a terra. Hoje o que acontece? Os homem fizeram isso, vários deles fizeram isso, aterraram, meteram a draga naquele lugar que era lagoa, meteu a draga, dentro das lagoa, plantaram bem, plantou outros tipo de capim, hoje tem a terra, mas cadê a água? E o que fizeram aqui uma vez pra secar uma nascente que tinha ali dentro, hoje tá chorando né? Por exemplo, mesmo ali no Rogério mesmo, tiveram que por, abrir poço artesiano né? Um lugar rico de água igual eles tinha, né?

Hoje em dia, os pescadores reclamam que os fazendeiros da região, cujas lagoas se formavam em suas propriedades, tem fechado as “bocas” das lagoas, isto é, os canais naturais que conduziam a entrada e depois a saída das águas do rio para evitar o alagamento de áreas que foram transformadas em pastagem para a criação de gado, que tem se expandido na região. Por outro lado, as práticas de controle dos órgãos ambientais também é evocada para diagnosticar o excesso de terra que reduz a “corrida” do rio. Seu Pedro e Seu Vital me explicaram desta maneira:

- (SP) Agora, Felipe, tem uma coisa que o... eu não sei se pode concordar ou disconcorda das ideia, mas tem uma coisa, que eu não sou contra o IBAMA, Florestal, eu não sou contra não, que tem ajudado muito. Mas se tem uma coisa que eu tô achando, na minha opinião, o que eles não tão querendo aceitar, por exemplo, aqui pra baixo é rio, o rio vazou, nasceu aquele tanto de mato dentro do rio, aquele mato ocê não pode cortar.

- (SV) Aquela areia que tem não pode tirar.

- (SP) Aquele mato, se a Florestal passar aí ou o IBAMA e ver você cortando aquele mato de dentro do rio, eles até prende, acha ruim. E a cabana é o seguinte, nós já viu... a gente convive aqui na beira do rio com a natureza, a gente já viu muita coisa acontecer, ocê enfia um pau aqui e outro aí, aqui cê põe, amarra umas vara nele, deixa ali. Quando o rio enche, que ele chega aqui, ali faz um murundu ali, sabe o que é um murundu?

*O que é murundu?*

- (SP) Murundu é um monte de terra. Faz aquele monte de terra, mesmo que cê pegue aquele monte... quando o rio vazou, foi lá você, desatou aquilo, mas aquele terra ali não baixa mais, é o que tá acontecendo com o rio.

- (SV) O rio enfraqueceu a corrida né?

- (SP) O rio enfraqueceu a corrida.

*Aí ele corre menos, é isso?*

- (SP) Corre menos, porque tudo que ia ter aqui ele... a corrida diminui. E o mato de lá dentro do rio, o que tá acontecendo é isso, mato nasce dentro do rio, se ocê cortar e eles ver, não pode cortar, e devia ser cortado. Eu vou dizer assim, no barranco tudo bem, mas dentro do rio devia ser cortado, porque todo ano que o rio vem e dá enchente, passa levantando a terra, só levantando, aí ele vai só aterrando. Aí no outro rio de lá mesmo, onde é a vazante nossa lá, roça nossa lá, lá deve ter crescido uns cem metro ou mais da onde era o barranco do rio pra lá, né? Então esse mato, vai nascendo capim, nasce capim, nasce alagadiço e vai só suspendendo. Toda vez que a enchente vem, vai só fazendo mais remonte, vai só remontando e vai só subindo. Ali o rio, no correr da seca já não volta de mais, vai ficar pra lá. Ou então, uma coisa que...

- (SP) Pois é, aqui ó, se ocê por uma draga ali na ponta da ilha ali, pra tirar areia e jogar fora, se não for registrado, ocê não pode mexer.

Assim, na perspectiva barranqueira, tanto a ação dos órgãos ambientais quanto a dos fazendeiros têm criado mais obstáculos à já “enfraquecida corrida” do São Francisco, derivada da decrescente precipitação das chuvas. Contudo, há ainda um outro produto da ação humana que tem contribuído para a condição “parada” do rio São Francisco: as barragens. Vejamos a continuação da conversa com Seu Vital e Seu Pedro:

-(SP) E outra coisa que eu acho que enfraqueceu muito a corrida do rio daí pra cá foi que veio os aterro no rio mais as barragem.

*As barragens?*

- (SP) As barragem, eu acho, cê sabe por quê? Às vezes, um sozinho debater com mil, né? E precisa, mas assim óia, a barragem, ela é daqui de Sobradinho, de quando a barragem de Sobradinho pra cá foi quando começou levantar né? De lá da barragem de Sobradinho, -ah, não, mas daqui em Sobradinho tem não sei quantos mil quilômetro de distância. É, tá certo tá, mas ela lá, essa terra lá, a areia do rio ela movimentada, ela ia embora lá pro mar, né? Mas fez a barragem lá, ela chega lá, ela acumula, cê tá entendendo né? [...]

*O rio corre pra lá, pra Sobradinho.*

- (SP) É, pra lá. Se essa água vai, desce lá, ela vai acumulando lá, essa areia vai levantando, ela vai parando pra cá também, até... tem hora que... tem uma erosão, né? As vez tem uma erosão dali pra cá, ocê põe um pau aqui, aquela areia de lá vai vir, vai levantando aqui ó, vai levantando, até ela chega... Eu tava te falando né? Tem uma erosão, você pega pra cê combater ela, você pega, põe um pau aqui, faz um quebra-mola aqui, aquela areia vem, vai acumulando aqui, acumulando, aquela erosão ali caba. Mas aquela areia, cê olha que é que ela vai crescendo pra trás, a ponto que vai chegando, ela vai parando lá, vai parando. Então quando compara o rio, a mesma coisa. Daqui no Sobradinho tem muita distância, mas lá, ela vai parando lá, a outra também vai parando pra cá ué, a mesma coisa. Ou então, a força do... a água já não corre mais, ela corria, e a areia também vai só levantando, ela vai levantando aqui, ela vai levantando pra trás. [...]

- (SP) Então isso, eu acho assim, as vez pode não ser, igual eu te falei, pode ser época mesmo, tá chegando o final dos tempo mesmo. Mas pode tudo isso, ajudá.

- (SV) Mas pode ser também ser coisa do homem, sabedoria do homem tá muita, e ele tá acabando com as coisa.

Os movimentos dos barranqueiros e dos seus objetos (barcos, motores, remos, redes, tarrafas e molinetes) na sua interação com o Rio e seus habitantes constituem um campo ainda a ser desenvolvido em outro momento para aprofundar a reflexão sobre os movimentos no rio São Francisco.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista o que apresentei, tento esboçar agora algumas breves e preliminares conexões de sentido entre os movimentos e mobilidades dos barranqueiros com os movimentos do Rio São Francisco. Antes, gostaria de salientar que esta comunicação buscou uma abordagem etnográfica que primasse por conceder valor em si ao movimento de pessoas e coisas e, desta forma, acabou reduzindo a importância analítica de pontos de partida e chegada. Assim, podemos ter mais clareza quanto ao que Ana Carneiro e Grazielle Dainese reportaram como qualidades extensivas e intensivas dos movimentos, isto é,

Por um lado, trata-se da qualidade do movimento entendido como deslocamento no espaço, ou seja, a mobilidade em relação a coordenadas espaciais específicas criadas pelo próprio movimento; por outro, o encontramos sem relação com o espaço percorrido, isto é, movimentos intensivos, não geográficos. Essas duas formas de movimento, entretanto, não estão necessariamente separadas. [...], em geral elas são imbricadas e interdependentes (Carneiro & Dainese, 2015: 148).

No que diz respeito a uma mirada histórica, percebe-se que trabalhos clássicos como o de Donald Pierson (1972: 39) já notavam, na década de 50 do século XX, “um considerável movimento populacional, a saber: dentro, para dentro, de dentro para fora e através da comunidade” em diversos povoamentos ao longo do Rio São Francisco. Pierson (1972) e Neves (1998) associam a errância dos habitantes do Vale do São Francisco a uma suposta herança cultural das diversas populações indígenas que historicamente habitaram os territórios extensivos ao rio e dos bandeirantes que desbravaram a região. Durante o século XX, estes mesmos autores indicaram que o São

Francisco se constituiu numa rota frequente de deslocamento de nordestinos em direção ao sudeste em busca de melhores condições de vida. Muitos ficavam pelo norte de Minas Gerais, fazendo com que, inclusive, recebessem o rótulo pejorativo de “baianeiros”. Independente destas alusões, o caráter movediço destas populações pode ser pensado a partir de distintas práticas de movimento que compõem uma socialidade barranqueira, isto é, os fios que tecem a trama da vida das comunidades ribeirinhas do São Francisco parecem indissociados das respectivas itinerâncias de seus membros.

Neste sentido, penso que uma forma de conectar os movimentos das pessoas e do rio ganhe contornos semelhantes ao que diz Tim Ingold quando afirma que habitamos o mundo como peregrinos:

[...] vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares [...] Lugares são como nós, e os fios por meio dos quais eles são atados são linhas de caminhada (...) os lugares, em suma, são delineados pelos movimentos e não pelos limites exteriores ao movimento (Ingold, 2015: 219-220).

Assim, os movimentos, em suas qualidades extensivas e intensivas, dos barranqueiros e das águas, sejam da chuva como do rio com o qual se relacionam, são importantes delineadores, ainda que não exclusivos, da vida na Ribanceira. Uma das coisas que podemos depreender da forma como os barranqueiros dão significado aos seus movimentos e aos do “Velho Chico” é que a vida e suas transformações existem por meio deles. Viver ganha sentido por meio de verbos associados a movimentações que designam determinadas práticas e relações: “mexer” com algo (roça, pesca, carvoeiras, lavouras de fazendeiros, construção civil, serviço doméstico, etc.) ou alguém (gente, gado, peixes, santos, espíritos de parentes); “caçar” “vida melhor”, “problemas”, “intrigas”, etc.; “barulhar” conversando, tocando e dançando. O rio São Francisco demonstra sua força vital ou seu enfraquecimento por meio dos seus movimentos de “encher” e “vazar”, “ter corrida” ou ficar “parado”. Assim, a vida compósita de gentes e águas ganha suas cores nos seus fluxos de movimentações e nas suas imobilidades, em práticas e relações que implicam pequenos e grandes deslocamentos, ou simplesmente intensidades específicas. Com certeza, há outras conexões de sentido que precisam ser estabelecidas no decorrer desta pesquisa em curso, para quem sabe compor uma teoria etnográfica do movimento, a partir de uma perspectiva barranqueira.

## **Bibliografia**

CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle. 2015. “Notas sobre diferenças e diferenciações etnográficas do movimento”. *Ruris*, 9 (1): 143-166.

DAINESE, Grazielle. 2011. *Chegar ao cerrado mineiro: hospitalidade, política e paixões*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

GUEDES, André Dumans. 2013. *O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás*. São Paulo: Garamond.

GUIMARÃES ROSA, João. 1986. *Grande Sertão Veredas*. São Paulo: Nova Fronteira.

INGOLD, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes.

NEVES, Zanoni. 1998. *Navegantes da Integração: os remeiros do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

PIERSON, Donald. 1972. *O Homem do Vale do São Francisco*. Vol. II. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/Superintendência do Vale do São Francisco.